

## A SOLIDÃO DE MULHERES A SÓS

Elisa Guimarães\*

CANIATO, Benilde Justo. *A Solidão de Mulheres a Sós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, 1995.

As narrativas de "As Palavras Pougadas" e "Os Armários Vazios", de Maria Judite de Carvalho, autora portuguesa contemporânea, prestam-se como objeto de matéria do alentado estudo de Benilde Justo Caniato cujos valiosos resultados se podem apreciar na obra *A Solidão de Mulheres a Sós*.

Em considerações marcadas por extrema clareza — reflexo do talento didático da autora — o ensaio exhibe uma análise aprofundada das linhas-mestras que a inspiração de Maria Judite de Carvalho vê jorrar da temática da solidão.

Assim, o leitor de *A Solidão de Mulheres a Sós* pode usufruir de uma leitura das mais agradáveis e substanciosas, porquanto recapitulativa de aspectos importantes vinculados à técnica da narrativa, fatores de composição da obra da escritora portuguesa.

Trata-se de narrativas que, segundo a acuidade do espírito de Benilde, harmonizam conteúdo e forma capazes de, associados, descreverem estados de espírito da mulher solitária em busca de si mesma.

Conjugados os planos conteudístico e formal, fazem-se apreensíveis os "diversos mecanismos estruturais identificadores da presença da mulher, em suas relações cotidianas" — o que a perspicácia analítica da ensaísta logra demonstrar.

A rede de idéias que sustenta as duas narrativas — "As Palavras Pougadas" e "Os Armários Vazios" — concentra-se na questão fulcral do isolacionismo a que se entregam as personagens o que explica o título do ensaio *A Solidão de Mulheres a Sós*.

Em lúcido exercício de análise, Benilde apreende a tese defendida pela autora, dissecando-a dentro de princípios que fundamentam a estruturação da narrativa de tensão interiorizada.

"Mariana, Graça, Dora, Manuela, Joana, condenadas a uma vida de solidão a sós, povoam a obra de Maria Judite de Carvalho" (p. 18). Para a situação dessas personagens, como de outras, o ensaio oferece rico filão interpretativo, alicerçado em modernas teorias do romance.

Assim, nessa linha, considera-se um constante aflorar de acontecimentos de épocas diversas, em emaranhada e cumulativa simultaneidade escoando-se num jato todo o profuso universo de vivências passadas.

---

\* Professora de Língua Portuguesa na USP.

“A vida autêntica — comenta Benilde — será o regresso ao passado, pois ali poderão descobrir o sentido mais profundo do existir” (p. 16).

Desse modo, o atropelamento do fluxo dos acontecimentos constante na seqüência sinuosa da ação — reflete a irregularidade da cronologia montada na triagem das lembranças. Os incidentes se deslocam, não através do espaço, mas num movimento retrospectivo da memória e, lentamente, avançam de novo no tempo.

Tudo é recordado como se as lembranças acoressem desordenadas, em constante fluir, gerando aparente anarquia nos episódios que se imbricam e se sobrepõem. Desordem aparente, conseqüência da ordem de natureza psicológica que age motivada por associações, integrada no processo da corrente da consciência, revelando o eixo predominantemente vertical da ação.

A ensaísta aponta repetidos momentos em que a narrativa cede lugar a reflexões, ora do narrador, ora da personagem, quando o enredo tende a perder as divisões nítidas e a diluir-se no fluxo da memória que vai evocando os acontecimentos: “*Personagem e realidade interpenetram-se, importando (...) a focalização de seus pensamentos, através de contornos imprecisos, que pertencem ao mundo das sombras*” (p.21).

Instala-se, pois, na narrativa uma consciência reflexiva que absorve o mundo exterior (cenas, objetos, personagens), suporte de primeira qualidade para a projeção da mundividência de Maria Judite de Carvalho.

Assim, a ensaísta define a autora sentenciando e moralizando a partir do fato narrado, com o à-vontade de quem não se submete a nenhuma cronologia, não se atém a ordem alguma, salvo à de sua reflexão empenhada na devassa do interior humano: “*os pequenos episódios das figuras juditianas revelam grandes dramas humanos*” (p.18).

Fixa-se, por isso, a personagem num jogo dramatizado entre uma mulher, personagem-sujeito, e outra mulher, personagem-objeto. Enquanto a personagem-sujeito vive os pequenos dramas domésticos, a personagem-objeto vai reaparecendo intermitentemente como secreto desafio, como inquirição do próprio ser.

O capítulo intitulado “Juntando o Tempo” (louve-se de passagem, a propriedade da titulação dos capítulos) relembra o caráter subjetivo do tempo interior, psicológico ou metafísico. Reconhecido desde Santo Agostinho, reafirma-se modernamente com Bergson, para quem a noção de tempo se liga à duração — realidade subjetiva que flui permanentemente e que só se define em relação a uma consciência. Tipo de tempo preponderante na narrativa de tensão interiorizada — portanto, nas narrativas em apreço. “*O espaço e o tempo formas subjetivas da consciência acabam por ser incorporadas à obra, não como realidade aparente das coisas, mas como realidade mais profunda em que cada acontecimento vivido engloba como atualidade presente todos os espaços e momentos do passado.*” (p. 23).

A análise insiste na vivência do tempo psicológico apresentando variadas formas, dentre as quais a polarização no passado é a de maior relevância.

Assim, Benilde vê na reminiscência — elemento fundamental da atitude narradora — a forma de um suporte do presente, pois a este é o passado que confere autêntica existência. O já vivido parece ser o que salva o viver.

As reflexões que transmitem ao leitor as idéias contidas na obra de Judite de Carvalho completam-se com rica análise dos recursos lingüísticos que veiculam suas idéias. Perfeita consonância entre fundo e forma é o que Benilde deixa patente. Assim, fica evidenciado o papel que desempenha a descrição na estrutura global das narrativas. Poderoso auxiliar na captação do caótico mundo psíquico da personagem, a descrição por vezes, prolonga o relato. É, pois, descrição progressiva, graduada, sempre correspondente e proporcional a uma ação. “*Função dilatária*” da descrição, como lembra Benilde inspirada na obra *Categorias da Narrativa* de Françoise Van-Rossum Guyon.

A integração de passado e presente — eixo importante das narrativas em questão — Benilde a apreende, em nível lingüístico, nas freqüentes repetições explícitas ou implícitas.

“*A sós, ao sabor da memória, (as personagens) incorporam, com maior eficácia, ao pretérito o tempo presente*” (p. 34). A alternância de formas verbais no presente e no pretérito ilustra, do ponto de vista lingüístico, a integração passado / presente.

Vêm os gramáticos em geral no pretérito imperfeito o tempo cujo valor fundamental é o de designar um fato passado mas não concluído — noção da qual se deduz ser este tempo o da manifestação da ação no seu aspecto durativo, ou seja, expressão de um tempo interior de continuidade. A distância que separa a personagem dos acontecimentos passados é exatamente o que lhe permite presenciá-los: “*Para Graça, tempo não é simplesmente passado, sucessão de acontecimentos, uma vez que lembrar o passado é torná-lo presente*” (p. 57).

Freqüentes ainda na obra de Maria Judite são as formulações gramaticais da hipótese, expressas através de advérbios de dúvida — recurso lingüístico magnificamente conjugado com a postura de inquirição da personagem — cerne das narrativas.

Aqui e ali, completando suas reflexões a partir de passagens extraídas de outras obras da autora, Benilde ressalta a importância da intertextualidade para uma visão mais completa das linhas de pensamento de Maria Judite de Carvalho.

Ambas — autora e ensaísta — oferecem ao público leitor o prazeroso contato com duas obras magistralmente representativas de rica profundidade da literatura portuguesa contemporânea.

Em toque de perfeita consonância, fundem-se: o texto que instaura a arte, no talento de Maria Judite de Carvalho e a crítica que recria o texto, no talento de Benilde Justo Caniato.